

Literatura Médica

Lá um ou outro trabalho nacional sobre medicina. Anda muito escassa a literatura medica no paiz.

Temos um alluvião de doutores e um numero muito reduzido de escriptores. Presentemente, escrever medicina é fazer theses. Mas, as theses não são feitas por escriptores. Pertencem aos escribas anonymos... São trabalhos sem expontaneidade e sem vibração. Na verdade se contam alguns desvios da regra geral. Não ha regra sem excepção, lá diz a sabedoria popular... Por isso que um dos melhores livros que conheço em lingua portugueza foi preparado para these medica. Refiro-me a esse trabalho lavrado de cinzel magistral, que se intitula — "Do Homem Americano" — por Julio Trajano de Moura.

E' uma obra de admiravel concepção que só encontrou similar muitos annos depois, fóra das academias, nas locubrações de Euclides da Cunha.

Poucos mais se honraram com a excepção. A grande maioria, a massa quasi global, a maioria esmagadora como se diz para effeito eleitoral, é de copiadores con-

scientes. Não digo inconscientes porque elles sabem o que fazem. Escrevem porque a lei os obriga. Afinal todos estão salvos das invectivas porque são protegidos pela lei. O que excede em maldade é que alguns (são poucos para honra nossa) pelos triumphos obtidos na primeira experiencia, se aventuram a outras e continuam assim... de quando em quando um pequeno assignalamento do trabalho inaugural. Nunca se fazem entretanto os melhores figuradores dos congressos, das reuniões, dos concursos, das semanas... São sempre os interpretes mais consagrados de toda a seriação chimica do plagiato. Valham os chronicões... Prefiro galimatias a pechisbeques.

Mau grado, o medico é a classe que mais discute. Debate o diagnostico, discute o prognostico, nega o tratamento. Quando Hippocrates diz sim, Galleno diz que não... E' um mundo de discussão o seu *metier*. Questiona todos os seus serviços, discute toda a sua sciencia. Discute mais que o advogado. Não importa que seja a classe que pouco escreva... Fala muito, é quanto basta.

Nem tudo que se diz se escreve... Comtudo, justiça nos seja feita. Isso não é só no Brasil. Portugal se queixa de igual desventura.

O erudito professor Souza Martins lamenta profundamente a escassez da bibliographia medica portugueza.

Attribue isso á falta de cultura literaria, á deficiencia de educação philosophica dos medicos, emfim á falta de educação classica ou humanista. O medico se infiltra do espirito scientifico, arido e por vezes mesquinho, reduzindo-se ao terreno das utilizações immediatas que é o campo clinico. Prepara-se sob um aspecto estritamente profissional, toma uma feição typica, um habito de sacerdote, e faz-se a "summa das grandezas moraes sobre a terra". Toda a sua sabedoria resume-se em ser um grande clinico, um grande especialista e

mais nada além... Tudo pelo utilitarismo profissional.

Pouca cultura philosophica, nenhum espirito classico. Desconhece Mecenas, mas conhece Hippocrates, que não é descendente de avós reaes. Troca as odes pelos aphorismos. Dahi a escassez da bibliographia medica brasileira como da portugueza.

Falta-lhe a destreza, a maleabilidade, o segredo da idéa e da palavra escripta. Por isso mesmo, quasi tudo que temos sobre medicina, são, por assim dizer, dos archivos da Academia de Letras. O Silogêo brasileiro, em o seu departamento de academicos de letras, por uma minoria de medicos, preenche melhor a bibliographia medica brasileira que a propria academia nacional de medicina, cheia das mais brilhantes affirmações profissionais do paiz. E' Afranio, Couto, Aluisio, Austregesilo, Oswaldo Cruz, que fazem a constellação mais brilhante dos escriptores das nossas letras medicas.

São elles os manejadores da palavra escripta pela educação philosophica e pelo espirito literario da epoca. Afranio Peixoto do mesmo modo que prepara a sua "Maria Bonita" e a sua "Fructa do Matto" nos apparece como o escriptor mais elegante dos nossos estudos medico-periciaes. Depois de Nina Rodrigues, é o mais original dos nossos cultores da medicina judiciaria. Emquanto dá lições de grammatica, ás 4 horas da tarde, na Bibliotheca Nacional, sob forma de conferencia, com assistencia numerosa de professores, é o mais classico dos nossos hygienistas na forma modelar dos seus trabalhos.

Não quer isso dizer que os estudos medicos estejam tutelados ao grammaticalismo academico. Mas quer dizer que a medicina brasileira, como a portugueza, precisa se esmaltar de um pouco de vernaculismo e de melhor cultura literaria.

E' tempo de se corrigir entre os medicos a deficiencia da educação humanista.

Tambem já é tempo de se enriquecer a nossa bibliographia medica ainda considerada pobre pelos que a transpõem braço a braço.

O espirito é um grande laboratorio.

Dr. Lins e Silva.